

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. 98 páginas.

*Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll, é um livro que nos faz viajar. Embora não seja propriamente uma viagem de turismo leve e despretensiosa, a maestria do autor na criação das imagens – com descrições tão vivas que nos fazem “ver” em vez de “ler” – força-nos a acompanhar, passo a passo, o anônimo narrador em seu sofrido percurso do centro ao sul do Brasil.

O romance narra sua trajetória em busca, ou fugindo, não se sabe do quê. Este homem percorre seus caminhos sem bagagem e não guarda nada com ele, talvez para evitar as lembranças do passado ou, quem sabe, para não criar incômodas raízes. Mal chegando a algum lugar, sufoca-o uma premente necessidade de partir pois “uma contagem regressiva estava em curso”. Ator desempregado, logra dar prosseguimento ao seu viajar sem rumo, através da venda de um carro. De um hotel no Rio de Janeiro, no início da obra, até o “Atlântico”, fictício hotel localizado na praia de Pinhal (Rio Grande do Sul), onde culmina a narrativa, ocorrem situações inusitadas, mas sempre surpreendentemente trágicas. Já nas primeiras páginas, o narrador observa o desenlace de um crime, quando a polícia retira o cadáver de um uruguaio morto no hotel.

Pouco depois, no ônibus rumo a Florianópolis, a americana sentada a seu lado, e com quem compartilhara momentos de risos, piadas e até abraços, o surpreende com um inesperado suicídio. E, no roteiro final para o Rio Grande do Sul, ocorre mais um assassinato inexplicado. O autor ou os autores do crime são conhecidos, mas a vítima resume-se a um mero rastro de sangue. O narrador sente-se então ameaçado de morte e foge de carona numa lenta carroça até Viçoso, povoado perdido na fronteira de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Tais episódios, insólitos, mesclam-se às vezes com a beleza da paisagem, que serve para encobrir cenas brutais. À paradisíaca

imagem de um rio “que valia a pena”, “tão clarinho que nele dava para ver refletido o azul do céu” e observar “um cardume de peixes pequeninos”, o autor opõe a imagem de forte violência contida no sangue espalhado pela areia.

O leitor acompanha a narrativa como se estivesse participando das cenas, ou talvez assistindo a um filme. A descrição minuciosa das paisagens variadas e dos inúmeros personagens (cerca de duas dúzias), que se sucedem durante o percurso do narrador, permitem a crescente aproximação do leitor, que começa a questionar os mistérios, o porquê da inserção de determinado personagem ou ocorrência. Noll, uma vez mais, utiliza uma linguagem clara e concisa, sem elementos supérfluos ou decorativos, para narrar fatos não tão rotineiros, mas que representam o dia-a-dia de um viajante, de um ser cujo permanente trânsito nos surpreende a cada página. Tantos enigmas são “atirados” ao leitor, sujeito assim à decisão de decifrá-los ou esquecê-los, como parece preferir o narrador. Num momento, já no final da narrativa, este diz ao enfermeiro Sebastião que “espera saber algum dia por que foi que tudo aconteceu”. Mesmo este absoluto “tudo” a que se refere o narrador surge também enigmático, encobrendo talvez uma conotação existencial muito mais ampla. Mas para o leitor poderá ser a referência ao fato mais chocante da narrativa, principalmente por seu significado como cerceamento da caminhada em curso: a amputação da perna do ex-ator. Um caminhante, um andarilho, sem sua perna?

Durante a narrativa o leitor acompanha o narrador na tentativa de descobrir as razões da perda do membro. Teria sido o ambicioso Dr. Carlos, envolvido em alguma experiência, ou um simples engano? Ou provavelmente algum tiro proveniente do carro da polícia, que se aproximava pouco antes de seu desmaio? Ou, quem sabe, a perna teria sido esmagada com a queda? E por que caíra na noite chuvosa ao chegar a Arraiol? Devido à fraqueza? Ou a alguma doença incurável?

Os sentidos do leitor acendem-se atentos para o desenlace de tantas surpresas, que se sucedem de forma cada vez mais intensa, mais enigmática. Duas vezes o homem sonha que é mulher, mas não há indícios de homo ou transexualismo. Por que estes sonhos? Contudo, as explicações são sempre acessórias na obra de Noll. Assim como nos seus romances anteriores, principalmente em *Bandoleiros* e *Rastros do Verão*, o autor abandona

amplo espaço à interpretação, que se apresenta ao leitor como fios emaranhados que devem ser desenredados – ou não – na sua imaginação.

O protagonista apresenta uma insuperável incapacidade de amar, que faz com que o único personagem que lhe inspire uma espécie de afeto seja o forte enfermeiro negro, talvez até por sua situação de dependência física. O relacionamento com mulheres é fortuito, serve muito mais como uma tentativa catártica de aliviar as tensões acumuladas em fugas, crimes e tropelias. O sexo é algo rápido e fugaz, seja com a recepcionista do hotel carioca, seja com Marisa, empregada da casa paroquial, de pé, entre os lençóis pendurados no varal.

A narrativa prossegue sempre num tom agônico, derramando uma imensa angústia sem explicação, pois nunca tenta mostrar o porquê de tanta amargura. É através deste retrato seco e cortante que o autor despe o personagem perante o leitor, que consegue vê-lo sem máscaras, autêntico, único. A simbiose é completa. Neste momento, quando já estamos penetrando na sua pele, ocorre a mais terrível experiência: seu corpo vai perdendo – lentamente – a capacidade de ouvir, caminhar, ver, falar, respirar. É como a implosão de um prédio vista em câmara lenta, que o leitor compartilha com o narrador.

Chega-se ao fim da viagem. Viajamos para dentro de nós mesmos, buscando o sentido filosófico de nossa existência ou, pelo menos, de alguma coisa na qual possamos nos agarrar para permanecermos vivos, e não desmoronarmos como o protagonista do livro. A leitura/viagem não deixa ninguém imune. Voltamos dela bem diferentes, a experiência deixa marcas.

Márcia Hoppe Navarro  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul